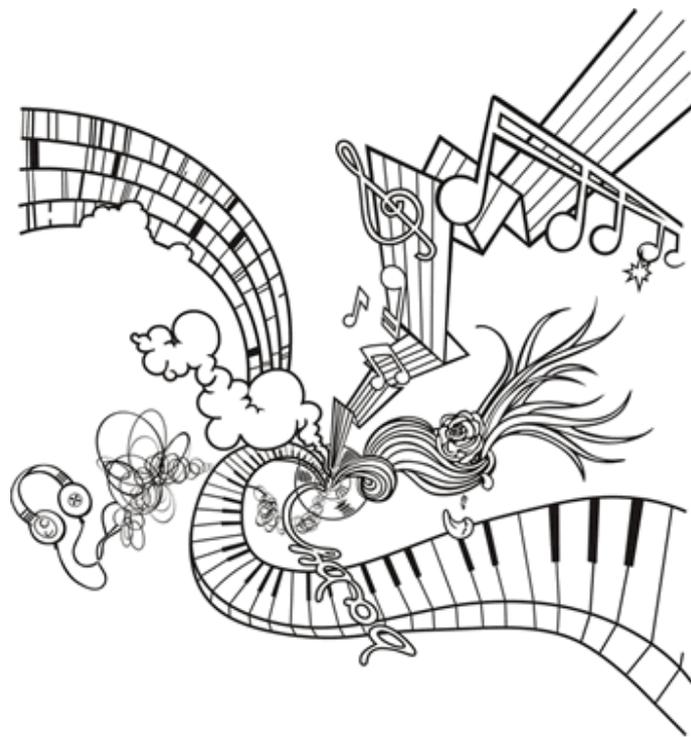


Antologia de Tainá Lopes



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

Dedico este livro a todos aqueles que carregam em si um pouco de cada sentimento. Aos que riem alto e aos que choram em silêncio. Aos bêbados que buscam o esquecimento e às mulheres da noite que dançam entre sombras e desejos. Aos tristes que se perdem no próprio olhar e aos alegres que iluminam o caminho alheio. A quem ama com fervor e a quem odeia com a mesma intensidade. Aos impacientes que correm contra o tempo e aos meditativos que escutam o sussurro do vento. Aos leitores que encontram abrigo nas palavras e àqueles que buscam nos livros um rumo para si.

Porque eu sou todos em um só. E, de alguma forma, este livro também é.

Agradecimentos

Escrever este livro foi, ao mesmo tempo, um mergulho profundo em mim e uma jornada ao encontro do outro. E ninguém atravessa uma jornada sozinho.

Agradeço, antes de tudo, às palavras, que se deixaram moldar por minhas mãos e, pacientemente, encontraram seu lugar nestas páginas. Agradeço aos momentos de silêncio, onde me perdi, e aos de caos, onde me encontrei.

Aos que passaram pela minha vida, deixando marcas, sejam elas doces ou amargas. Aos que me inspiraram, aos que me desafiaram, aos que partiram e aos que ficaram. Cada um, de alguma forma, contribuiu para que este livro existisse.

Aos leitores, por permitirem que minhas palavras toquem suas almas e, talvez, encontrem eco em seus próprios sentimentos.

E, por fim, agradeço a mim mesma. Pela coragem de transformar pensamentos em letras, dúvidas em histórias e emoções em algo que pode ser compartilhado.

Este livro é meu, mas também é de todos vocês.

Sobre o autor

Tainá é muitas em uma só. Carrega em si a leveza dos sonhos e o peso das lembranças, caminhando entre a razão e o devaneio. Escreve para se encontrar, para se perder e, talvez, para que alguém se reconheça em suas palavras.

Apaixonada por histórias que atravessam a alma, transita entre o real e o imaginário, buscando nas entrelinhas o que não pode ser dito em voz alta. Seus textos são ecos de sentimentos, fragmentos de vidas e reflexos de um mundo que se constrói entre sombras e luzes.

Este livro é mais do que uma obra—é um pedaço dela, entregue a quem quiser sentir.

resumo

Quando se acredita em fadas, por Tainá Lopes.

Notas de resistência.

Ressurreição e esperança.

Sombra de mim.

O guardião de si

Reencontro de si

Até o desejo nos consumir.

Pão de queijo

Sem roteiro, só corpo.

O eterno que habita em tudo.

O eu, em meditação.

Um shot de café.

Eu sou cocaína. (Versão dele.)

Quando se acredita em fadas, por Tainá Lopes.

Eu acredito em fadas, acredito, acredito!

Eu acredito na humanidade
Cada vez que vejo uma criança
Jogando o lixo no lixeiro,
Pequeno gesto, grande esperança.
(Acredito, acredito!)

Acredito quando o vento sopra
E dança leve entre as flores,
Sussurrando em tom de encanto
Segredos doces de mil amores.
(Acredito, acredito!)

Acredito quando alguém cuida
De um animal sem lar e frio,
Ou quando a chuva molha a terra
E traz renovo ao solo vazio.
(Acredito, acredito!)

Vejo magia na gentileza
De quem divide sem pesar,
Na lágrima que cai sincera
Só por ver o outro chorar.

Acredito na luz das estrelas,
No brilho dos olhos ao sonhar,
No toque suave da brisa
Que vem a alma acalmar.
(Acredito, acredito!)

Eu vejo fadas nos sorrisos
Que nascem sem explicação,

Nas mãos que afagam sem pressa,
No pulsar do mais puro coração.

Cada vez que uma árvore cresce,
Que uma nova amizade se faz,
Cada vez que um ato de amor
Ilumina um mundo em paz.

Pois onde há bondade e esperança,
Onde o amor sempre é bendito,
Há um pouco de pó encantado...
Eu acredito em fadas, acredito!
(Acredito!)

Notas de resistência.

Na relva fria, grilo persiste,
frágil corpo, mas som que insiste.
No vento, na noite, no vasto chão,
cantas sem medo, sem hesitação.

Silenciam-te os pés apressados,
soterram-te tempos cansados.
Mas volta a canção, fina e forte,
desafia o tempo, afronta a sorte.

Não te importas se ouvem ou não,
se é grande a queda, se é vão o chão.
Teu canto é verbo, teu som é fé,
viver é isso: seguir de pé.

Ressurreição e esperança.

No amanhecer de um dia sagrado,
Surge a luz de um Rei ressuscitado.
Jesus, em glória, venceu a morte,
Trazendo ao mundo nova sorte.

Os sinos tocam, o vento canta,
A fé renasce, a alma encanta.
No campo verde, coelhos saltitam,
Entre flores que a vida imitam.

Ovos pintados, cores no ar,
Símbolos doces de recomeçar.
Mas é no amor, na paz que ecoa,
Que a Páscoa brilha e nos abençoa.

Jesus renasce, e ao seu lado,
O medo cede ao amor sagrado.
Que a esperança nunca se vá,
Pois Ele vive ? e sempre viverá!

Sombra de mim.

Sozinha e Solidão

Sozinha, eu caminho entre sombras e ventos,
E cada passo ecoa os meus pensamentos.
A noite me abraça em silêncio profundo,
Sou ilha perdida no meio do mundo.

A solidão me sussurra histórias sem fim,
Memórias vazias que moram em mim.
O tempo se arrasta, tão lento e frio,
Feito um rio sem pressa, sem rumo, sem brio.

Procuro em espelhos vestígios de cor,
Mas só vejo o reflexo do meu próprio torpor.
Talvez seja paz, talvez seja abismo,
Ou apenas um sonho esquecido no ritmo.

Mas sigo, quem sabe, um dia encontrando
Na brisa, no dia, no tempo passando,
Que ser sozinha não é ser vazia,
E que a solidão pode ser companhia.

O guardião de si

Nos fones, Charlie Brown canta verdades,
letras que falam do que ele já viu.
Deixa que escutem o som que o move,
mas ninguém sabe o que o feriu.

Mostra o riso leve, a paz no olhar,
as marcas de quem já matou seus demônios.
Fala do mar, do vento, das ondas,
mas o que sente, esconde entre os sonhos.

Revela o esforço, a sede de vida,
o corpo moldado em dedicação.
Mas o que pensa, o que teme, o que sonha,
fica guardado no seu coração.

Confiante, caminha sem precisar provar,
não busca aplausos, não pede atenção.
Ele é o que é, sem medo, sem pressa,
livre, selvagem? um leão na escuridão.

Reencontro de si

A madrugada me acolhe em silêncio,
as estrelas piscam, sabem de mim.
Escrevo na brisa um novo começo,
deixo o passado partir, enfim.

Cada palavra desenha um caminho,
entre os versos, começo a me ver.
Percebo que nunca estive sozinha,
sempre houve um sol a renascer.

Se ela voltar, estarei sorrindo,
mas se não vier, sigo a cantar.
A vida é um rio que segue fluindo,
e eu aprendi a me encontrar.

O tempo me ensina a dançar com o vento,
abraço o instante sem medo de ir.
Pois mesmo que tudo se perca no tempo,
há sempre um motivo para existir.

E quando a aurora tocar minha pele,
levando a noite para outro lugar,
saberei que em mim algo floresce,
e nada no mundo pode me parar.

Até o desejo nos consumir.

Então deixa eu te beijar,
até o desejo incendiar tua pele,
até o calor te fazer suspirar,
e o tempo lá fora já nem se revele.

Deixa que eu toque teu corpo,
bem devagar, sem querer parar,
até que a vontade transborde,
até que o medo se deixe levar.

Te beijo e desvendo teus lábios,
até tua respiração se perder,
até que o arrepio confesse
o que tua boca não quer dizer.

Então deixa eu te beijar,
até tua roupa pedir pra sair,
até que a noite nos cubra,
e o mundo se esqueça de existir.

Pão de queijo

Pão de queijo quentinho,
Saindo do forno, macio,
Igual a ele, no jeitinho
Que aquece o meu vazio.

Crosta dourada, perfumada,
Como a voz que ele tem,
Por dentro, a surpresa aguardada,
Maciez que ninguém mais contém.

Cada pedaço, um abraço,
Que na alma vem confortar,
Igual ao toque dos braços
Que não quero mais soltar.

Pão de queijo e presença boa,
Simples, mas tão especial,
Ele é o sabor que ecoa
Na minha manhã matinal.

E assim sigo encantada,
Entre olhares e risos a dois,
Sabendo que, tal como o pão,
Quero mais dele depois.

Sem roteiro, só corpo.

Ele e eu ? o proibido que deu jogo,
um pouco de química, e pronto: fogo.
Não tem essa de cena perfeita,
qualquer canto serve, se a vontade aceita.

Olhar bateu, corpo chamou,
em dois segundos já detonou.
Porta do carro, beco, parede,
sexo acontece onde a gente cede.

Sem promessa, sem flor, sem história,
só suor, pegada e memória.
É carne pedindo, mente travada,
e a gente se perde na primeira risada.

O errado ficou bom, quem diria,
basta o tesão e a sintonia.
Não precisa luxo, nem lençol branco,
só o calor certo no momento franco.

Então é isso: sem script, sem tédio,
só desejo cru, sem remédio.
Ele e eu, na pressa, no clima,
fazendo do mundo uma cama clandestina.

O eterno que habita em tudo.

O universo é Deus em forma de brisa,
que toca a pele e depois desliza.
É o fogo no sol, é a fúria e a calma,
é o que molda a matéria e acende a alma.

Não fala em livros, nem julga em temor,
mas guia em silêncio, com puro esplendor.
É o mistério no fundo do céu estrelado,
é o som do nada, tão abençoado.

É árvore antiga que cresce sozinha,
é flor que desabrocha na beira da linha.
É a dança dos astros, o tempo que gira,
é o sopro que cria, destrói, e inspira.

Não tem começo, tampouco um fim,
é o tudo, o vazio, e o que há entre mim.
Deus-universo, em constante expansão,
respira através de cada coração.

Se o buscamos fora, podemos errar,
pois Ele está dentro, a pulsar devagar.
Em cada batida, em cada olhar,
o universo é Deus... a nos ensinar.

O eu, em meditação.

Sou Eu

*No ventre do tempo me deixo nascer,
sou flor que despetala sem se perder.
Sou vento que embala sem aprisionar,
sou brisa que vem só pra sussurrar.*

*Sou pele que sente além do que vê,
sou alma vestida de amanhecer.
Sou passo pequeno com força de mar,
sou canto sereno que vem repousar.*

*Sou lágrima doce, sou riso também,
sou ciclo que gira e volta ao além.
Sou casa sem porta, sou chão e luar,
sou tudo que ama sem precisar.*

*Sou fogo que aquece, não queima a mão,
sou dança no escuro, sou intuição.
Sou o mistério de simplesmente ser,
sou voz que escolhe se pertencer.*

*Me acolho inteira no meu coração,
sou ventre de mundos, sou criação.
Não peço respostas, sou a direção:
sou eu. Em paz. Em expansão.*

Um shot de café.

Um shot de café, e a alma desperta ?
mas não inteira, só o que resta.
O corpo veste a farda invisível
dos que seguem firmes, mesmo implausíveis.

Olhos vermelhos, mas não de sono:
de esperança teimosa e abandono.
Trabalhadores da rotina crua,
que trocam sonhos por mais uma rua.

Durante o dia, o café é refúgio,
calmaria quente, vício e subterfúgio.
É abraço breve entre tarefas mil,
é silêncio amargo num mundo hostil.

Mas à noite...
À noite, trocam a xícara pelo copo.
O amargo continua, só muda o rótulo.
Bebem não pra esquecer, mas pra suportar
o peso de um dia que insiste em ficar.

Café e álcool: extremos que se tocam.
Um pra acordar, outro pra apagar.
E no meio, a vida ? essa corda bamba
entre o cansaço que chega e o que nunca se vai.

Trabalhadores da cidade cinza,
carregam no peito uma brisa extinta.
E seguem, brindando ao que não tem cura,
com um shot de café...
ou um gole de amargura.

Eu sou cocaína. (Versão dele.)

Eu chego devagar, sem bater,
sou o vício que ela aprendeu a querer.
Olhos dela gritam "foge",
mas o corpo... implora por overdose.

Não prometo nada, nem tento fingir,
sou o erro que ela insiste em repetir.
Me chama de veneno, chama de sina,
mas volta sempre ? eu sou cocaína.

Sou o beijo que vicia e arde,
sou ausência que deixa saudade.
Ela sabe que eu não sou abrigo,
mas mesmo assim, dorme comigo.

Eu a quero entre o prazer e o precipício,
me deseja, mas me culpa ? eu sou artifício.
Não sou dela, não sou de ninguém,
só entro, destruo... e vou mais além.

Se ela quebrar, não é por descuido,
é que amou o perigo com gosto de ruído.
Sou charme, sou dor, sou esquina,
ela me chama de amor... mas eu sou cocaína.